

# AS MIGRAÇÕES NO ALTO SERTÃO BAIANO: CARACTERÍSTICAS DO ÊXODO RURAL NA OBRA *O SAMPAULEIRO* DE JOÃO GUMES

*Antônio Francisco Rodrigues de Freitas*  
Graduando em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
E-mail: tunynfreitas@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** História. Literatura. Migrações.

## Introdução

O presente estudo busca analisar as características das migrações na região do Alto Sertão Baiano<sup>1</sup> no início do século XX através do romance *O Sampauleiro* do caetiteense João Gumes (1858-1930).

Para enxergar o que o autor nos revela em seu livro sobre a problemática, é preciso estabelecer um diálogo sobre as possibilidades e os desafios no uso da Literatura como fonte para a História. Sendo importante mostrar como esse debate está presente e pertinente em discussões teóricas ainda hoje.

As discussões em torno da aproximação entre os dois campos do conhecimento apresentam alguns pontos de abordagem: a ficção como fonte; o discernimento de que História não é ficção; os desafios ao se escrever História com esse tipo de fonte; a utilização de estratégias literárias na construção da narrativa histórica; o conceito de representação; entre outros.

As condições para a análise e o reconhecimento das fontes se inserem nas concepções da História Cultural e partem do princípio de que “(...) o historiador tem o mundo à sua disposição. Tudo para ele pode se converter em fonte basta que ele tenha um tema e uma pergunta, formulada a partir de conceitos, que problematizam este tema e o constroem como objeto” (PESAVENTO, 2006, p. 5). Nesse sentido os textos literários se apresentam ao

---

<sup>1</sup> O Alto Sertão Baiano pode ser entendido como “(...) região referenciada na posição relativa ao curso do Rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta as maiores altitudes” (NEVES, 1998, p. 22). Cabe salientar que se define por Sertão baiano uma extensa região com particularidades nos seus aspectos físico, econômico, social e cultural (PIRES, 2003, p. 18). Neste trabalho a referida região engloba Caetité (Sudoeste da Bahia) e seus distritos (povoados) e cidades circunvizinhas no final do século XIX e início do XX.

historiador como um material a ser analisado e explorado para construção da sua produção historiográfica.

Logo, percebe-se que os historiadores que defendem a utilização da Literatura na construção da narrativa histórica tentam esclarecer as distinções entre os dois campos, colocando o que se produz na História como um texto não ficcional, devido ao seu rigor na busca pelo que de fato aconteceu. Os textos literários, por mais que sigam uma corrente realista, são obras ficcionais, a História pode utilizar da ficção, mas o seu conteúdo presa pela busca da verdade. É preciso estar claro que existe uma aproximação cada vez maior entre os dois campos, mas as preocupações de um e do outro são diferentes. Assim, Nicolau Sevcenko postula que “ocupa-se, portanto, o historiador da realidade, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade. Eis aí, pois, uma diferença crucial, a ser devidamente considerada pelo historiador que se serve do material literário” (SEVCENKO, 2003, p. 30).

Outro diálogo cabível nessa problematização é o uso deste tipo de fonte pela História Social. Quando o pesquisador se propõe estudar o social a partir de textos literários deve estar atento à construção e questionar as condições dessa produção. Em síntese:

(...) é preciso ponderar as características específicas da fonte literária. E aqui as primeiras perguntas do historiador social são: ‘De que literatura se está falando? Quais as suas características? Como determinado autor – ou ‘escola’ – concebe a sua arte?’ Esse parece ser um ponto de partida obrigatório para esclarecer o estatuto de uma obra literária como testemunho histórico; uma ‘determinação objetiva’ de tal tipo de evidência (CHARTIER; PEREIRA, 1998, p. 8).

Pode-se então perceber que os caminhos para uma produção historiográfica cuja fonte seja a Literatura estão abertos existindo, no entanto, alguns obstáculos e desafios que o historiador deve ultrapassar para conseguir produzir seu conhecimento de forma coerente.

O debate sobre a utilização da Literatura no campo histórico aborda também a questão do uso de estratégias literárias na escrita da narrativa por parte do historiador, é o que Pesavento (2006) assinala

Para construir a sua representação sobre o passado a partir das fontes ou rastros, o caminho do historiador é montado através de estratégias que se aproximam das dos escritores de ficção, através de escolhas, seleções, organização de tramas, decifração de enredo, uso e escolha de palavras e conceitos (PESAVENTO, 2006, p. 5).

É evidente que a aproximação entre Literatura e História pode ser ainda maior e que os historiadores podem se beneficiarem e melhorarem a escrita da sua produção através destas estratégias provindas da Literatura.

Esta ligação entre os campos passou a estar mais pertinente após o estabelecimento do conceito de representação que possibilitou maior aceitação no nível acadêmico, “o desenvolvimento alcançado pelo conceito de representação permitiu que os historiadores incorporassem à escrita da História recursos da Literatura” (SANTOS, 2003, p. 85) desestruturando o conceito de mentalidade, tão criticado na historiografia. Roger Chartier (1990) postula que representação é o termo de equilíbrio numa abordagem a nível da História Cultural e ainda,

Mais do que o conceito de mentalidade, ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças as quais uns ‘representantes’ (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

O mundo social é construído de diferentes formas pelos sujeitos históricos inseridos em grupos sociais distintos. Assim o pesquisador deve estar atento na análise das representações evidenciadas sobre desses grupos sociais e sujeitos ao longo do processo histórico.

## **AS MIGRAÇÕES NA OBRA DE JOÃO GUMES**

As migrações humanas do Sertão nordestino para os grandes centros urbanos do Sudeste acontecem desde a decadência econômica da região<sup>2</sup> e persistem nos dias atuais. Os sertanejos saem de suas terras em busca de melhores condições de vida e realização de seus sonhos. Sonhos estes que são, hoje em dia, influenciados por um modo de vida que estabelece desejos, dita moda e impõe um tipo de cultura.

---

<sup>2</sup> A decadência econômica do Nordeste brasileiro se dá por volta dos anos de 1850-1890 e está relacionada com queda no preço açúcar e a desestruturação dos engenhos; o fim da abolição e o enfraquecimento das forças produtivas baseadas na escravidão; entre outros. Mais sobre a economia brasileira em Formação Econômica do Brasil de Celso Furtado.

No início as viagens eram quase intermináveis, famílias numerosas eram reduzidas a poucos membros. Hoje o maior medo dos que se aventuram em tal empreitada é a violência dos grandes. Mas as pessoas iam e continuam indo mesmo com os empecilhos, fazendo pensar se, são apenas questões econômicas que movem as pessoas nessa “Odisséia”? Essencialmente é o que acontece. Sabe-se, entretanto, que a maioria das pessoas não consegue a autonomia econômica nas grandes cidades. Então, há algo que faz com que estas cidades representem o Eldorado, o lugar capaz de mudar a vida de qualquer um.

Não é e nem foi diferente na região do Alto Sertão Baiano. Grandes massas humanas ainda migram para os grandes centros num processo que teve início no final do século XIX. O êxodo rural destas bandas do Sertão merece e pode ser estudado em vários aspectos.

Este trabalho utilizará o texto do livro *O Sampauleiro: romance de costumes nordestinos* de João Gumes (2004) na tentativa de encontrar reflexões sobre as migrações no período que se estende do final do século XIX até meados da década de 1920, quando é escrito o romance.

A referida obra é composta por dois volumes. O primeiro aborda os garimpos em Diamantina das Lavras e versa sobre o abandono das atividades agrícolas pelo sonho do enriquecimento rápido através da extração de pedras preciosas. Descreve também alguns costumes do povo sertanejo relacionando economia, sociedade e cultura. O segundo volume analisa as migrações no Alto Sertão Baiano observando razões e conseqüências do êxodo rural na região. É do segundo volume que o aprofundamento deste estudo utilizará na sua elaboração.

Sobre o autor, pode-se afirmar que Gumes é um escritor que se enquadra no contexto literário do regionalismo nacional, e foi o fundador do Jornal *A Penna*, o segundo periódico do interior baiano. Sua escrita apresenta um vocabulário amplo que mistura erudição com cultura sertaneja. Além da obra analisada, tem-se a peça *Abolição* (S/D), classificada pelo autor como uma comédia-drama, *Os Analphabetos* (1927), romance, e *Pelo Sertão* (circulou em *A Penna* de abril de 1913 a março de 1914) que versam sobre problemas sociais – como o analfabetismo ou as questões abolicionistas – e costumes sertanejos, há ainda outros escritos do autor. Em suas crônicas e romances, Gumes “Defendia veementemente a bandeira dos oprimidos homens do campo esquecidos e explorados pelos ‘engravatados da cidade grande’, dos escravos maltratados, e combatia o analfabetismo reinante naquele período no Nordeste brasileiro” (REIS, 2004, p. 19), logo um trabalho que analisa sua obra deve primar pelo social e observar os conflitos dentro dessa sociedade que o romancista nos revela.

A obra *O Sampauleiro* tem como objetivos principais mostrar a situação do sertanejo que se vê forçado a sair de sua terra para encontrar melhores condições de vida para si e para sua família; e fazer uma análise do caráter e dos costumes do povo e de sujeitos singulares dos “altos sertões”. Para sua exposição, o autor cria personagens que se enquadram nos tipos comuns da região. João e Maria formam o casal principal do enredo, ele é o homem pobre trabalhador que, após se encontrar em condições financeiras difíceis, se torna o “sampauleiro”<sup>3</sup> e ela a esposa fiel e trabalhadora que acredita no marido e na melhoria da situação. Outros personagens são Serafim – compadre de João e que está sempre disposto a ajudar a família deste – e Abílio – abastado e apaixonado por Maria que o dispensou por João mesmo sua riqueza, fingi ser amigo de João para estar perto de sua paixão e tenta sujar a honra do seu “amigo”.

Fazendo uma abordagem direta sobre o tema, encontra-se no texto os motivos que o autor coloca como centrais para o início das migrações. Primeiro o autor discorre sobre o problema da venda de escravos na região do Alto Sertão principalmente as cidades de Caetité e Rio de Contas, que, a partir de 1850 (fim do tráfico negreiro), comercializam escravos para outras partes do país, em especial, São Paulo<sup>4</sup> diminuindo a quantidade de trabalhadores na região. Após o fim da escravidão tem-se a seguinte situação:

Em 1889, além de que a lavoura se achava reduzidíssima, entregues a poucos agricultores que trabalhavam da sua propriedade, ou posses em terrenos de condomínio, as chuvas foram escassas, resultando disso a fome de 1890, que atingiu um grande número de ex-escravos e de famílias paupérrimas que, em outras épocas semelhantes, sempre resistiram às crise econômicas semelhantes.

Além das terríveis causas do flagelo acima apontadas, a mudança das instituições políticas, que trouxe grandes vexames à população pobre dos campos, foi um fator importante que em muito concorreu para o sofrimento do povo. Aqueles que conseguiram salvar-se, passada a crise, abriram caminho à emigração. Minas Gerais depois São Paulo foram os pontos colimados (GUMES, 2004, p. 140-141).<sup>5</sup>

O autor escreve mais sobre o início desse processo apontando as conseqüências causadas pela primeira leva de emigrantes “Os primeiros emigrados incitaram a cobiça de

---

<sup>3</sup> Sampauleiro era o nome dado ao homem que saía.

<sup>4</sup> Mais sobre o comércio de escravos na região do Alto Sertão em NEVES, Erivaldo Fagundes. Sampauleiros traficantes: comércio de escravos do alto sertão da Bahia para o Oeste cafeeiro paulista. *Afro-Ásia*, n. 24 (2000).

<sup>5</sup> O texto do livro analisado se encontra na íntegra na tese (doutorado) *O Sampauleiro: romance de João Gumes de Maria da Conceição Souza Reis*, que faz uma edição crítico-genética do segundo volume do romance. É este o texto analisado e usado como referência neste trabalho pelo motivo de existirem poucas edições presentes do romance que estão num estado de conservação delicado e por fazer a revisão da escrita de um autor da década de 1920, facilitando a leitura.

agiotas que emprestavam dinheiro aos emigrantes a juros de 50 e 100 por cento” (GUMES, 2004, p. 141). Além disso, muitos apareciam para explorar e aliciar as populações mais pobres, Gumes conta que

(...) Muitos baianos tornaram-se aliciadores do pobre povo trabalhador, que arrebanhavam por meios de lisonjeiras promessas e levavam em numerosos grupos para São Paulo. Assim iniciou-se a corrente emigratória que até hoje está no vezo do nosso povo dos campos, ora tomando grande intensidade, ora diminuindo, conforme as circunstâncias (GUMES, 2004, p. 141).

É assim que, na visão de João Gumes, se estabelece o processo migratório do Alto Sertão Baiano para o grande centro, São Paulo. E sentencia “Eis a gênese desse flagelo constante que há perto de quarenta anos estiola as forças econômicas do nosso rico e futuroso Estado. Eis a origem do sampauleiro” (GUMES, 2004, 141).

Analisando outras partes do romance, apresenta-se uma situação desagradável para o personagem principal. Após um ano ruim na lavoura e o aparecimento de doenças que afetam o seu pequeno rebanho, além de uma confusão judicial na qual perde a casa onde morava, João se via em dificuldades

Dos poucos animais que João possuía escapou um número resumidíssimo, a sua lavoura pouco produziu, e o pobre mancebo viu-se a braços com sérias dificuldades porque, tendo contraído compromissos que esperava solver com os produtos da agricultura não poderia satisfazer em tempo aos seus credores (GUMES, 2004, p. 99).

Abílio compra todas as letras de débito de João com a desculpa de os credores do mocinho estarem com dúvidas se as letras seriam quitadas em dia por este. Abílio como “amigo” dedicado que é, compra as letras “defendendo” a honestidade João perante a sociedade. Este não gosta da atitude do outro alegando que teria condições de pagar o que devia e assim todas pessoas da cidade saberiam da sua honestidade, antes inquestionável.

É nesse momento da história que Gumes (2004) inicia sua reflexão sobre o problema das migrações. O que leva João a pensar na viagem para outro estado é a desconfiança das pessoas sobre sua honestidade e hombridade, no texto o autor conta: “Como fugaz relâmpago passou pelo seu pensamento a idéia de ir a São Paulo como outros que ali somente encontraram fáceis meios de ganhar quanto lhes bastasse para restabelecerem o seu crédito e melhorarem sua situação” (GUMES, 2004, p. 116).

No texto, percebe-se que o Estado de São Paulo é o lugar para onde todos querem ir, é o Eldorado para onde todos queriam ir. João era mais que “Como o naufrago que, desalentado e quase sem esperança de salvar-se, bracejando na superfície encapelada do mar, tem a morte diante dos olhos, João avistou um taboa<sup>6</sup> de salvação – o estado de São Paulo” (GUMES, 2004, p. 121). São Paulo era a solução para a situação difícil a qual se encontra o herói de Gumes. A propaganda que faziam sobre as fáceis chances de ganhar dinheiro estavam estampadas em muitos lugares ““Com trabalho inteligência e economia só não é rico quem não o quer’ lera João” (GUMES, 2004, p. 122). Por tudo mostrar que sair de sua terra e de perto da sua família buscando novos horizontes para melhorar suas condições era a solução, João se resolve “(...) chegando por fim à definitiva resolução de emigrar como muitos outros, tomando da esperança de, no estado leader<sup>7</sup> da União, encontrar os recursos que tinha tanta necessidade para solver os seus compromissos e melhorar sua a condição” (GUMES, 2004, p. 123).

Dessa forma, Gumes nos apresenta o primeiro tipo do emigrante “Eis como se forma atualmente o caráter do sampauleiro honesto, bem intencionado e digno que, por si, toma a deliberação de emigrar, por um lado premido por circunstâncias adventícias, por outro atraído por aquele centro de movimento e riqueza” (GUMES, 2004, p. 124). problemática das migrações. Descrevendo a partida do sertanejo, que deixa pra trás mulher, filhos, amigos, terras (mesmo que poucas), lembranças da infância e da mocidade, o autor mostra como era dolorosa e desgastante a viagem empreendida por esses homens.

O autor elenca alguns grupos de emigrantes que são colocados na mesma “classe” devido às razões pelas quais tiveram que partir do sertão nordestino para São Paulo, numa análise fantástica ele assinala

(...) A essa classe pertencem outros que são constringidos ao exílio por circunstâncias diferentes da que impeliu João ao expátrio, mas tão temíveis como elas.

Quantos pobres baianos destes altos sertões que viviam tranquilos, trabalhando, em seguida aos seus antepassados, no campo que lhes pertence de fato e de direito, vítimas de clamorosas injustiças, perseguidos por poderosos, espoliados de suas fazendas em favor de vizinhos invejosos da sua modesta propriedade, ou de inimigos gratuitos que lhe movem demandas e processos-crime, caluniados por testemunhas adrede arranjadas, não se vêem por fim obrigados a fugir sob a ameaça dos mandões, a arrastar-se penosamente por centenas de léguas, sofrendo privações, lutando com inúmeras dificuldades, tendo como última esperança, como seguro amparo,

---

<sup>6</sup> Taboa: variação de tábua.

<sup>7</sup> Leader: líder.

escravizar-se aos ricos fazendeiros paulistas e seus subordinados (GUMES, 2004, p. 126-127).

Vê-se nesse trecho a indignação de Gumes com relação às mazelas que sofre o povo pobre no sertão. Ele conta ainda que muitas vezes famílias todas se lançavam a essa travessia: mortes de alguns membros eram comuns, chegavam a São Paulo nus e famintos, eram conhecidos como “retirantes” e recebidos com desprezo.

Havia na visão do autor outros grupos “Há ainda a classe dos iludidos por promessas falaciosas, aliciados por hipócritas e exploradores” (GUMES, 2004, p. 127) existia a classe dos que iam para São Paulo conseguiam algum rendimento e não mais voltavam para suas cidades, deixando esposas e filhos em dificuldade. As mulheres recebem atenção especial na obra, para Gumes elas apresentam uma força descomunal quando são obrigadas a cuidar da casa e das crianças, fazendo o papel de mãe e pai.

Outro aspecto que o autor faz reflexão é o abandono das terras na região. Como muitos estavam indo para o grande centro, grandes extensões de terra ficaram improdutivas e deixadas ao leu, sem cuidados na passagem abaixo observa-se o que acontecia:

(...) Nos terrenos planos ainda se percebem sinais das valetas onde faziam as plantações de rega; os aquedutos, em completo abandono, não mais conduzem a água; as árvores de pomar que restam, mais resistentes, vencidas pelas parasitas são emaranhadas nas silvas e plantas e indígenas que reconquistam pouco a pouco seus domínios. E sobre tudo isso paira o silêncio e a tristeza, contrastando com o antigo ruído e alegria que conhecemos ali, que nos atraíam e empolgavam, daqueles tempos que já se foram e guardamos saudosas reminiscências (GUMES, 2004, p. 132).

O abandono dessas terras gera a falta de muitos produtos agrícolas nas feiras da região e toda a população é castigada. Além disso, os poderosos se apropriam das terras desocupadas e vão aumentando cada vez mais suas terras, construindo seus latifúndios que se conservam até os dias atuais.

São essas algumas características perceptíveis na obra de João Gumes que nos auxilia no entendimento da sociedade dos “altos sertões” no início do século XX. Como o processo histórico é formado por rupturas e continuidades nota-se que a migração continua existindo, mas ao que parece, são outros os motivos que levam muitos jovens a saírem de sua cidade e buscarem outra vida em lugares diferentes. De uns anos pra cá, a cidade de São Paulo deixou de ser unanimidade para esses viajantes, Brasília, Goiânia e cidades em crescimento do estado

de São Paulo e Minas Gerais são os pontos de desembarque, mas a promessa de uma vida melhor ainda continua.

## Conclusão

Apresentando grande conhecimento e amor pela região, João Gumes nos revela a situação econômica e social que se encontrava os “altos sertões”. Sua defesa pela população pobre e a riqueza da sua escrita foram as razões que estimularam o desenvolvimento deste trabalho.

O desejo de juntar História e Literatura e através dessa união pode falar sobre o povo pobre, os pequenos produtores rurais e seu deslocamento, muitas vezes forçado como vimos, em busca de melhores condições de vida é o motor do presente estudo.

Assim como Gumes se preocupava com a educação, as condições de trabalho e costumes da camada menos abastada da população, tem-se a preocupação aqui de se fazer uma “História vista de baixo”. Não só vista como também construída por uma parcela da sociedade que por muito foi excluída.

## Referências

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso M. de (Org.). *A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

GUMES, João. O Sampauleiro. In: REIS, Maria da Conceição Souza. *O Sampauleiro: romance de João Gumes*. 2004. 513 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=271](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=271)>. Acesso em: 11 abr. 2010.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma Comunidade Sertaneja: da Sesmaria ao Minifúndio (um estudo de História Regional e Local)*. Salvador: Ed. EDUFBA/UEFS, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura; uma velha nova-história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em: 13 ago. 2009.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830/1888)*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003.

REIS, Maria da Conceição Souza. *O Sampauleiro: romance de João Gumes*. 2004. 513 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=271](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=271)>. Acesso em: 11 abr. 2010.

SANTOS, Roberto Carlos dos. Entre a História e a Ficção: Diálogos, Fronteiras, Identidades. *Revista Alpha*, v. 4, p. 76-94, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

THOMPSON, E. P. A História vista de baixo. In: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Orgs.). *E. P. Thompson. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.